

Escriturações ao redor de uma janela: *O homem universal*, de Teixeira de Pascoaes

José Maria Rodrigues Filho
Universidade de Mogi das Cruzes - SP

Uma das prerrogativas do ensaísmo é poder sondar, com liberdade, um exemplar da serialidade literária de um escritor. O ponto de partida são as fronteiras demarcadas pela comunidade de interpretantes,¹ ou seja, a *Fortuna Crítica* que acompanha o sucesso literário de um nome da literatura. A intenção do ensaísta estaria, assim, voltada para a construção de um conhecimento novo, apto a contribuir com contextos pertinentes de metalinguagem, sempre na procura de uma compreensão ampla e inteligente do artefato literário, visando, dessa forma, a revitalizá-lo.

Tomando-se como único *corpus* para a abordagem deste trabalho, *O Homem Universal*, de Teixeira de Pascoaes, observa-se de início que, nessa obra, o narrador lança mão de um solilóquio elucidador com um destinatário próximo, na forma de um leitor afeito aos contornos silogísticos.

O narrador tenta, assim, abarcar, pelo olhar especulativo, confessional e, ao mesmo tempo analítico, uma proposta de reavaliar as questões de ideário e metaforização dos seus poemas, num palco textual onde se afirma que o verdadeiro assunto neste livro é o drama da vida e o seu autor. Tendo isso em vista, a função literária é amplificada pelo olhar poético de alguém que se acha preso às suas próprias grandezas e fraquezas e confinado no seu restrito mundo intelectual amarantino, terra de Trás-os-Montes. O destino desses textos, Pascoaes traça e contempla-os, apontados que estão para três planos bipartidos: o exterior natural e

¹ PEREIRA, 1995. p. 409-453.

o histórico; o intrínseco centrado no programa discursivo poético-analógico e o místico/anagógico.

Quanto à essência das coisas eleitas, para depurá-las textualmente, Pascoaes acredita na ordenação poética, já que “não há ciência da vida, a vida conhece-se pela mediação poética”, na visão trans-histórica com vistas ao universal, como presente teodiceico e imensional, forma panteísta de relação de paternidade e de fidelidade. É da pena de Pascoaes que se apreende que “Deus antes de encarnar no Homem encarnou em toda casta de animais e vegetais”,² ponto em que o escritor compreende a vida na extensão das coisas de forma escatológica e soteriológica, dentro do pressuposto de que sentir é conhecer.

Retomando o conceito bachelardiano do olhar, este apresenta-se, no discurso de Pascoaes, agregado a uma óptica toda singular a partir da sua *janela-olhar* aberta à reflexão do Homem como contínuo vencedor ou vítima nas tramas do jogo mágico da linguagem literária, instalada no mundo pela poesia. O homem-escritor unguído por ela como forma de superação do real visto, manifesto por essa eventual leitura poética, faculta ao receptor uma tomada de consciência a respeito da grandeza da vida na eterna busca de satisfação para a existência.

Por intermédio desse posto de observação, constata-se uma certa angulação de modos de compreensão que são alargados para além do perímetro espacial extra-literário, em que se fixa o eu-observador-reflexivo, na demanda do poético, instituindo assim uma metáfora espacializada e estetizante. Esta se volta para uma linguagem cujo centro detém um pensamento poético manifesto em figurativizações isotópicas, que se apresentam em sintonia com a própria condição humana, como signos da humanidade. É essa a razão pela qual, às vezes, o texto de Pascoaes soa como anacrônico, embora recheado de valores. Trata-se de um autor que se apropria de um *locus*, o seu cantinho em Amarante, norte de Portugal, como *logos* de acontecimentos, de uma informação nova, de uma nova crença na realidade contemporânea a ele, como uma reportagem viva de experiência individual, plasmada na historicidade do transcurso temporal.

O passado saudoso que forneceu fundamentos textuais está graduado na memória e é utilizado no *bic et nunc* da enunciação criativa

² PASCOAES, 1993. p. 101.

do autor e receptiva por parte do leitor, em virtude de uma situação momentânea, pelo seu profundo dinamismo, se transforma em experiência análoga, num eixo de transmissão de conteúdos sêmicos recorrentes em categorias abstratas desse olhar inquisitivo. Um olhar que se desenvolve a partir de seu rincão como princípio reprodutor de percepções intelectualizadas dentro de uma dinâmica da fusão de uma postura interior e outra exteriorizada, o olhar da alma, pela saudade, provocado pela ausência de sentido ao seu redor.

Para Pascoaes, o humano se concretiza numa síntese de todas as coisas, convertidas em sensações, percebidas e apreendidas à luz da consciência, de onde provisoriamente, são produzidas as imagens. A equação do fator existência e a unidade na variedade, como síntese, é obtida pela arte poética, pela qual o mundo sonhado é valorizado pela metáfora essencial reabilitada pela força da poesia. A isotopia recorrente de temas e motivos se condensa pelo olhar, este circulando ao redor dessa mesma janela aberta para a narração de onde se efetiva a ontologização do mundo. Desta janela que se apresenta como olhos objetivos e subjetivos é que se refletem as impressões do sujeito e será assim que o processo de criação passará a ser um conjunto de movimentos interiores avessos à imobilidade universal, subordinado que está à vontade ou a uma fatalidade lógica do homem. Em sua autocontemplação, a voz de seus textos confirma esse pressuposto: *E num estonteamento interior / Vou através do caos confundido, / De estrelas hesitantes; mundos vagos / E noturnos desertos esquecidos / Vou em procura de mim próprio, ao longo / De infinita e deserta escuridão / E de forças ocultas que se cruzam / Num sítio, que é meu triste coração // De acordo com este esboço de concepção existencial, o homem em sua missão, a de concluir o esboço deste mundo imperfeito e que se manifesta como o pensamento humano que é a síntese animada / De toda natureza...*³

Trata-se de uma visão pessoal de mundo, assimilada em todas as suas propriedades, com energia inteligente, tendo o sujeito como fator preponderante para a inteligibilidade do objeto. É esse homem universal que persiste através de tudo: *O homem é o universo consciente.*⁴

³ PASCOAES, 1993. p. 69.

⁴ PASCOAES, 1993. p. 102.

A ordem assim se estabelece no caos pela forma da gênese criativa do cosmo literário, o qual ultrapassa o *paradoxo natural*, rumo a um *absurdo lógico*.⁵ No ardor dos sentimentos a / *Criatura que sonha e que deseja / É a cor divina que o poeta vê / É forma viva que lhe toca e beija*.⁶ Configura-se, assim, o poeta como meio genésico, num processo de transição para a metamorfose eletiva do material com vistas ao espiritual ou abstrato, frutificado no ato poético da criação. Pela transparente vidraça clama o poeta, invocando: *Ó essência de tudo quanto existe*,⁷ e a aparição se dá num verso como *verdadeiro milagre da Beleza*.⁸ Afirma-se assim o poeta enquanto pensador ao mesmo tempo que promulga ser a poesia tal qual uma ciência que liberta, fundada no cógito cartesiano. A emancipação é efetuada pela palavra que define o existente e consagra o Homem como o definidor do Infinito.

De volta à sua janela voltada para a serra do Marão, o poeta vê as árvores, o sol, a penedia e ver implica num princípio ativo, já que o ato de ver é também o ato de ser visto, ou melhor lido porque olhar é um criar que predispõe a comunhão com um outro real, dado por outra expressão anímica, a do leitor que se compromete com a poesia de seus textos. Escrituração e contemplação são espelhos, voltados para si mesmos.

Há um tropismo isotópico a percorrer esses escritos de *O Homem Universal* como impulso de empatia com os valores gerais e eternos da tradição retórica da portugalidade. Neste mundo visível, com marcas de subjetividade, tudo tende para uma dialética teúrgica. O trinômio Deus, Homem e Mundo se cristaliza na historicidade da linguagem, como plano elaborado de mundividência, consagrado nos macrossignos da semântica da *saudade* como um sistema axial da poesia de Pascoaes. Aclamado será este sentimento, pois *a saudade é assim que se posta eterna Renascença*, como fenomenologia e ontologia do sentir. A saudade afirma-se como força de *sentimento, idéia e emoção refletida*, transcodificada em experiências discursivas que se consumam liricamente como prospecção obtida pela experiência. O significante expressivo é equacionado em manuscritos. Esta concepção de saudade se mostra como atitude poética,

⁵ PASCOAES, 1993. p. 40.

⁶ PASCOAES, 1993. p. 92.

⁷ PASCOAES, 1993. p. 52.

⁸ PASCOAES, 1993. p. 43.

filosoficamente comprometida com um projeto psicologista e denunciador dos descompassos históricos e sociais.

Há um grande programa de prospecção e análise da realidade nacional e tudo isso na garantia da crença da época de Pascoaes, voltada para o messianismo do povo português, que encontra a sua expressão maior na elegia marinha, qualidades primordiais da raça portuguesa, expressas pela equação *Nevoeiro / Esperança* – que apresentam a feição original do gênero lusitano.

Com esse propósito visionário, o poeta Pascoaes parte na empreitada de um profetismo cívico em seu sacerdócio da Saudade, em prol do progresso e da paz: *no homem universal atinge uma expressão harmoniosa os seus eleitos físicos e metafísicos, o espírito e a matéria*.⁹

No ímpeto de interpretar a realidade à sua volta, seu tempo, seu país e sua obra, Pascoaes fixa-se em um pensamento central como concepção e conceito, conforme se pode verificar nestas páginas derradeiras de *O Homem Universal*: “Como é belo divagar no crepúsculo, nessa praia ocidental, onde quebra a vaga do sol e a espera do luar no molhar os pés”.¹⁰

O movimento literário centrado no saudosismo, fortemente contaminado pela estética simbolista, pertence a uma corrente estético-doutrinária de fundo místico e panteísta, que no entanto não abandona, neste projeto contínuo, os saberes positivistas. Pascoaes interpretou as formulações metafísicas como temas básicos desenvolvidos em torno da semântica da dor e do mal. Por meio do sentimento frustrado em relação à pátria, marcado pelo *Ultimatum*, Pascoaes tenta a reabilitação nacional ao recuperar os valores lusos pela elaboração de biografias de personagens bíblicas exemplares.

Com esse intuito, seu texto caminha por extrapolações analógicas e anagógicas com uma postura às vezes reducionista em razão de uma certa *suficiência provinciana*, aplaudida por um círculo de admiradores que não se preocupava com os problemas sócio-econômicos e vanguardistas da Europa, da qual Portugal ainda sentia os descompassos da industrialização.

No conjunto, *O Homem Universal*, apresenta-se à crítica como marcadamente lírica, num tom monótono e elegíaco, por vezes sombrio,

⁹ PASCOAES, 1993. p. 49.

¹⁰ PASCOAES, 1993. p. 27.

ao tratar de eixos temáticos em torno do erotismo, mulheres, homens, símbolos, bichos, árvores, pedras, o Marão, o Tâmega e a Morte.

Nesse passo é que a fábula do Homem é construída a partir de um olhar cognitivo e especulativo do autor, postado em sua janela, tendo como objeto focado a paisagem áspera e bela da serra do Marão. A descrição é feita de uma forma concreta e bem reveladora de uma outra paisagem mais signíca. Instaura-se, desse modo, uma retórica definitiva, tendo como suporte a escrita e definindo-se como uma expressão misteriosa e transcendente. É assim que o *conhecido emerge do ignoto* e o instinto emancipa-se, ao clarear as trevas para construir os estatutos poéticos da verossimilhança.

No dizer de Pascoaes, a conformação de um conceito principalmente científico da existência não é peso que se coloque na balança a fim de equilibrar as transmutações do existir humano. Nesse percurso, a essência das coisas ocultas é mostrada em conceitos míticos, revelados em traços subjetivos pela ação poética e portanto não científica. Há um homem universal a gritar nos escritos que nasceram dessa visão consciente e sintetizante do universo racional, ao mesmo tempo que envolve os fatores científicos e também poéticos. É nesse segmento que o autor afirma: “o absoluto é dos poetas e o relativo é da ciência. O sábio observa, analisa, decompõe; o filósofo generaliza, dá o conjunto; o poeta dá o significado anímico das coisas, a sua própria natureza”.¹¹

A realidade vista de sua janela é quase que suficiente na medida em que a sua obra se apossa, com ímpeto cósmico, das estruturas lingüísticas e discursivas de um imaginário, plasmado pelo passado do concluído pela memória e do estático visível

O discurso de Teixeira de Pascoaes, como bem apresenta o conjunto da crítica que o acompanha, aponta para uma pluralidade de dimensões cognitivas de natureza lingüística, filosófica, mística, política, histórica, social, antropológica, psicológica. Se a crítica é uma metalinguagem, propõe-se, ao mesmo tempo, a desenvolver duas tarefas caras ao autor e a sua obra: descobrir as verdades dos significados narratológicos e a validade dos textos examinados. No tocante a esse prisma, mais desafiadora seria a obra, quanto mais aberta estivesse à pluralidade de sentidos. A reconstituição das regras de elaboração, no texto de Pascoaes,

¹¹ PASCOAES, 1993. p. 78.

neste vetor metacrítico, consagra a idéia de se admitir que sua obra literária se apresenta como um sistema semântico muito particular, cujo fim é acolher sentidos ao mundo lusíada de sua época, mas não um sentido somente. Tendo como herança o desalento do *Ultimatum* de 1890, a geração do autor encontrou, por meio de um discurso crítico revogável, por partir de formulações contextuais tensas e imprecisas, os expedientes significativos necessários para expressar e esclarecer as mudanças e por fim projetar perspectivas de solução para os descompassos.

Os temas constantes em sua obra confirmam a proposta de Tomachevski de que quanto mais um tema é importante e de interesse geral e durável, tanto mais a vitalidade da obra será assegurada. Por outro lado, pode-se, também, deduzir que os interesses universais e transtemporais, como a mítica fênix, reaparecem, renascem e reanimam-se com o sopro de cada novo presente. É assim que a sua forma poética acabou atualizando a fenomenologia de representações da saudade, ao gerar o movimento saudosista, tão enfatizado pelos do *Orpheu*, em signos representativos dos conteúdos do imaginário histórico e racial assentados na vivência desse *humus lusitanus* transposto até as raias do natural étnico, no dizer bachelardiano, na forma de impressões oriundas de uma contemplação primordial.

Referências Bibliográficas

PASCOAES, Teixeira de. *O homem universal e outros escritos*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *História crítica da Literatura portuguesa*. Vol. VII, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, novembro de 1995, p. 409-453. (Esta obra de crítica literária glosa os ensaios mais elucidativos acerca da obra de Teixeira de Pascoaes, inclusive um dos estudos “clássicos” de Alfredo Margarido, *O Demiurgo e as sombras*. Há ainda ensaios de comprovável valor, tais como: *Contra uma leitura evasiva da poesia de Teixeira de Pascoaes*, de Jorge de Sena; *A estética de Pascoaes*, de Jacinto do Prado Coelho; *A Pátria-Saudade de Teixeira de Pascoaes – invenção suprema da imaginação lusíada*, de Eduardo Lourenço; *Perspectiva hermenêutica global*, de Mário Garcia; *O simbolismo da sombra*, de Maria das Graças Moreira de Sá e *A modernidade noética de Pascoaes*, de António Cândido Franco).

Resumo

Teixeira de Pascoaes, n' *O Homem Universal*, apresenta um tropismo isotópico a percorrer esses escritos que apontam para dimensões cognitivas plurais, com projeção psicologista e denunciadora dos descompassos históricos e sociais.

A obra de Pascoaes, no vetor metacrítico, propõe-se a reconstituir as regras de sua elaboração, consagrando o acolhimento de sentidos para o mundo lusíada de sua época que tem como herança o desalento do Ultimatum de 1890.

O sistema axial da poesia de Pascoaes se consagra nos macrosignos da semântica da saudade que se postam como fenomenologia e ontologia do sentir, transcodificados em experiências discursivas que se consomam liricamente como prospecção obtida pela experiência do autor por parte do ato observacional, tendo como ponto de observação a janela do seu solar.

Abstract

Teixeira de Pascoaes, in *O Homem Universal (The Universal Man)*, presents an isotopic tropism throughout writings which reach towards plural cognitive dimensions, ranging from a psychological projection until the denouement of social and historical unbalance.

Pascoaes's work, in his metacriticism, aims at reenacting the rules of its fabrication, focusing on the gathering of meanings for his country, Portugal, which, in his time, was shaken by 1890 Ultimatum.

The axial frame of Pascoaes's poetry is sustained on the macrosigns which establish a semantics of "longing" (saudade), a phenomenology and ontology based on the act of feeling and translated into discursive experiences which are lyrically engendered through the observational standpoint assumed by the author: the window of his home.